

## Olgária Matos e a crítica da tecnologia



Por **RENATA MARINHO\***

*A obra da filósofa explicita as contradições do capitalismo tardio, dominado pela indústria cultural e articulado pela racionalidade tecnológica*

Olgária Matos é uma filósofa do “viver bem”, isto significa que ela pensa e inscreve publicamente sua fala como elaboração simbólica dos modos e formas de convivência humana mais alegres e livres. Olgária faz permanentemente a crítica da sociedade tecnocientífica em sua instância ético-axiológica. Na companhia dos frankfurtianos que tanto estudou – Benjamin, Adorno, Horkheimer e Marcuse –, sua obra explicita as contradições do capitalismo tardio, dominado pela indústria cultural e articulado pela racionalidade instrumental, ou mais precisamente racionalidade tecnológica, como nomeia Marcuse. O *viver bem* na obra da filósofa advém do aprimoramento dos valores humanistas e da superação dos limites que nos apartam do caminho orientado para os ideais filogênicos que transformam cosmopolitismo em hospitalidade. Já na sua dissertação de mestrado sobre Rousseau encontra-se a epígrafe adorniana que diz: “Não se trata de conservar o passado, mas de realizar as suas esperanças.”

A questão recorrentemente abordada por Olgária diz respeito ao descompasso entre a aceleração dos desenvolvimentos tecnocientíficos e a nossa capacidade de assimilá-los e de ajuizá-los em relação aos valores e propósitos do *viver bem* em um mundo comum compartilhado. A ciência inaugurada na modernidade concebe a realidade como um complexo calculável por um sujeito abstrato que converte a natureza em fórmulas matemáticas. No ensaio “Ethos e amizade: a morada do homem” (*Discretas esperanças*), Olgária recorre a Lukács e seu conceito de “expatriamento transcendental” – em suas palavras, “a perda da morada na modernidade” – para evidenciar a hegemonia do cientificismo desenraizado e acrítico. O princípio orientador da lógica totalizante inaugurada com a noção de sujeito autônomo (e seu correspondente conhecimento científico baseado no método) reconfigurou-se em coordenação total de indivíduos eficientes, em obstáculo para a emancipação, não só adiada, mas excluída do horizonte, agora opaco, minimal, desagregador e opressivo. O funcionamento metódico científico, mantendo-se idêntico a si mesmo, sempre orientado para a eficiência e os resultados otimizados, deixou de coincidir com seu propósito originário – a afirmação da liberdade do indivíduo racional – quando, com a necessidade de desenvolver a produção técnica para além dos limites da capacidade orgânica humana, passou a ser critério de si mesmo em coordenações de escalas sobre-humanas. Por exemplo, com a industrialização e a padronização do que é experimentado (ideologicamente) como essencial e a demanda de grandes coordenações logísticas e da própria produção de maquinário (de máquinas mais velozes e precisas, de máquinas que produzem outras máquinas), com o grande aumento do consumo e da distribuição de produtos idênticos, o princípio do trabalho e de sua estruturação (que orienta o agir racional conformado), desloca-se da satisfação do indivíduo para a manutenção e o aprimoramento do sistema coordenado de produção. Em suma, o que mudou foi o próprio princípio racional a que a realidade engaja-se para corresponder, passando de autônomo para heterônomo.

Olgária escreve:

“Todo esse ideário confisca a dimensão do futuro pela confusão entre o possível e o ‘necessário’: o futuro só é convocado

# a terra é redonda

para justificar o que se faz no presente. Sua temporalidade é a do efêmero, do descartável, que dissolve a dimensão ética das relações meios e fins que caracterizara os conceitos clássico e moderno de racionalidade, liberdade, felicidade, justiça e utopia: o tempo transforma-se em ‘presente perpétuo’, pura *mens momentânea* carente de recordação.”

As subjetividades digitalizadas sob a convergência das telecomunicações são privadas de memórias e de desejos[i]. As memórias registráveis instantaneamente sem limite, em seu excesso imagético e informacional, são estocadas em ‘nuvens’ ligadas a aparelhos mantidos à mão como prótese. Os desejos são direcionados e protocolados dentro de uma gama de opções pré-definidas e benéficas para o funcionamento que se alimenta da nossa agonia mais profunda e internalizada. Não há expectativas, apenas probabilidades; não há imprevisível para fora de si, apenas intrusão e anestesia. Um funcionamento aprimorado na representação em bits de perfis para desenvolver ferramentas autônomas de decisão e gerenciamento da vida. Às subjetividades privadas de passado e futuro, de memória e desejo, resta um vazio em que só se espera o fim. Não há mais nada a sonhar, não há idealização ou transcendência possível; não há potência, apenas ação instantânea. O vazio é preenchido de mau jeito com imagens e ideias reproduzidas em massa nas telas que mostram um conteúdo talhado individualmente para o mapeamento digital identificado como representação de cada sujeito; e, contraditoriamente a tanta precisão, todas as pessoas veem basicamente as mesmas coisas (arranjadas de modo a afetar-lhes pulsionalmente) e repetem os mesmos assuntos obsessivamente até que as coisas tornem-se palavras sem carne, uma junção qualquer de letras ou fonemas sem sentido, um comando automático, uma saturação anestésica.

“O mundo sem experiência, produzido pelo mercado, pela automação e pela ciência, marca o fim da tradição humanista fundada na cultura teórica, no tempo livre e no conforto do espírito. Mundo pós-behaviorista, a sociedade denominada da comunicação, associada à sociedade da informação e à sociedade de projetos, substitui a busca do sentido do conhecimento e do “aperfeiçoamento de si” pela inovação que cria profissões voltadas ao “desenvolvimento pessoal”, indústrias da “imagem de si” com dispositivos advindos das ciências cognitivas e das neurociências.” (“Dialética em suspensão: da *Mens Momentanea* à imobilidade do instante”, *Palíndromos filosóficos*, p. 95)

O fato é que, hoje, algoritmos de inteligência artificial movimentam e controlam grande parte dos processos cotidianos de nossas vidas sem que nem ao menos paremos para pensar realmente sobre o que tem acontecido e o que estamos fazendo. O apelo às *big tech* por um *design ético* é em si mesmo sem sentido, na medida em que valores qualitativos reguladores não fazem parte do universo de possibilidades do arranjo algorítmico[ii] dessas plataformas, ou seja, as metas das empresas são intrinsecamente inconciliáveis com o respeito e a valorização da vida, da justiça e da liberdade. São ‘produtos’ que funcionam para provocar vício e aprimorar a própria capacidade de provocar vício.

Os *consumidores* são *consumidos* em sua energia vital, canalizada exclusivamente para *consumir* em um mundo totalizado na forma mercadoria. No nosso momento de plataformas digitais progressivamente convergentes[iii], opera-se uma mudança na forma como as pessoas comportam-se e percebem a realidade, pois são reiteradamente adestradas pelos estímulos disparados pelos aplicativos instalados nos aparelhos. Todas as nossas ações e reações são computadas e armazenadas em dados permanente e instantaneamente atualizados; algoritmos fazem análise neurocomportamental dos indivíduos, diagnosticam neuroses, compulsões, depressão, manias, “sabem” o que mais desperta obsessões, simulam anúncios e predizem compatibilidades mercadológicas. Os aprimoramentos desses *algoritmos* processam-se ininterruptamente, sem praticamente nenhuma supervisão humana (o que ralentaria imensamente todo o processo ou até o inviabilizaria). Com dados e objetivos quantificados para atingir e otimizar os resultados condizentes, os algoritmos ‘evoluem’ de modo cada vez mais opaco, porque humanamente improcessável, apresentam os resultados requeridos e progressivamente os ultrapassam, impondo também um ritmo de velocidade e aceleração dado por sua lógica interna, desprovida de sentido e de valores éticos.

Em uma palestra intitulada “Narração e os processos sem sujeito”, Olgária Matos disse que:

“No nosso mundo dos processos sem sujeito, temos modernizações para tudo. Essas modernizações ocupam o lugar das decisões. Então, tudo o que é prudencial, que é o lugar do momento decisivo da escolha, do ato de refletir, do ato de coragem, do ato da *krynein*, da crise, da avaliação, da capacidade de examinar a questão, perde-se num mundo sem sujeito

porque agora nós temos funções operando em seu lugar. Orientamo-nos pelos modelos sem saber como são montados. Não sabemos quais são os algoritmos, como esses algoritmos são estabelecidos para chegar a determinados fins, e nem quais fins são esses que nos escolheram ou o que querem demonstrar.” [iv] (grifo meu)

As redes sociais pretensamente conectam as pessoas, mas, na verdade, atomizam-nos, garantem um nível mínimo de contato (sempre mediado tecnologicamente) que desperta nossos mecanismos de recompensa, gerando uma satisfação (via descarga de dopamina) dissipada rapidamente e transformada em frustração e necessidade de repetição (mecanismo de vício). Nossa própria forma de nos relacionar fica mais diluída e superficial, perde o corpo, perde o registro na memória e a experiência não codificada e não representada em bits. Ficamos compulsivos em verificar nosso canal principal e hegemônico de relação humana. A maioria dessas interações é exibida para todos (ou para os “amigos”) e essa observação de tudo por todos completa figuras do outro, com o qual nem ao menos precisamos encontrar de corpo presente, nem ao menos desenvolver o caminho de relações com narrativas mútuas de si para o outro e do outro para si, entre seres singulares. Todos nós já sabemos de tudo, modelamos os outros e somos modelados por estes, seguindo as diretrizes algorítmicas. Nesta permanente exposição pública do que outrora era privado, imediatamente acessível em qualquer parte do mundo, potencialmente visto por qualquer e todos os olhos, o narcisismo patológico e a paranoia são reforçados e ampliados. Redes sociais e plataformas virtuais não juntam pessoas distantes, elas modificam a nossa forma de conexão com os outros e o mundo. As interações interpessoais geram dados cruzados para o aprimoramento dos modelos e de seus resultados, nossas relações mútuas são promovidas e controladas por modelos (matemáticos) que predizem nossas ações. Há um engajamento quase incontrolável, incitado pela acuidade desses modelos, os quais registram *todos os cliques* (o equivalente à ação nesses meios) de cada um e processam esses dados, com um volume de variáveis e complexidade vastamente além dos limites físicos de uma mente humana individual, para prever reações e enquadrar ações a uma cadeia totalizada de conformação de possibilidades a esta adequada, fechando e restringindo cada vez mais todas as diferenças.

A partir desta ‘situação geral’, enformada e informada por modelos matemáticos eficientes na absorção de vidas, dominação e controle (que parece não encontrar objeção nem oposição capazes de, pelo menos, fazer-nos parar para pensar em alternativas), Olgária Matos cunhou e desenvolveu o conceito de *processos sem sujeito*, que nomeia o movimento da racionalidade hegemônica para nos engolir, sem dúvida, sem erro, sem hesitação, ameaçando-nos com uma possível modificação qualitativa, restritiva e definitiva do horizonte humano possível, reduzido ao extermínio direto (de si) ou à abulia.

Cito Olgária:

“Hoje, pelo desenvolvimento das mídias, pelo narcisismo regressivo e o predomínio do ‘valor de exibição’, em um mundo em que ‘ser é ser percebido’, os novos meios técnicos de comunicação promovem o desejo fusional das massas, universo de identificações imediatas. [...] Difunde-se, assim, não apenas o consumo de mercadorias comunicacionais e a circulação econômica das coisas, mas simultaneamente uma nova metafísica das relações humanas, uma vez que tudo o que vincula pessoalmente os indivíduos, o que faz com que eles tenham em comum uma história, uma relação que se inscreve no tempo, uma “dívida simbólica” – uma fidelidade a honrar – desaparece, substituído pela ‘realidade virtual’, em que tudo se passa ‘aqui e agora’, em um mundo desertificado de coerência, rumo e direção.”

Opondo-se diretamente à pulsão antigenealógica da sociedade totalmente administrada da tecnociência, Olgária problematiza a “promiscuidade entre homem e máquina”. A máquina passou a ser o critério (e o valor) do processo social como um todo, situação hoje “materializada” nos algoritmos de *machine learning* controlando, decidindo e manipulando desde as macro-possibilidades sócio-político-econômicas até as pulsões profundas e inconscientes dos indivíduos – sob o critério do lucro, da otimização e da padronização. A natureza é tratada como pura matéria a ser decodificada e dominada, sem substância própria, sem resistência, sem limites intrínsecos inacessíveis à razão tecnocientífica e, ao mesmo tempo, é progressivamente imbricada com o ‘sujeito da observação’, ele próprio matéria calculável em interação subatômica, fundido com o (outrora) ‘objeto observado’, tendo sua observação, seu ato conhecedor, aferido e ‘comprovado’ via mediação maquinal, tecnológica, pretensamente neutra e universal, livre de qualidades secundárias e de fins particulares. Cito Olgária nos Arcanos do inteiramente outro: “A *ratio* se reverte em irracionalidade pois, em sua necessária progressão,

desconhece o fato de que o desaparecimento de seu substrato é seu próprio produto.” MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*, p. 319.

O processo da máquina é uma força externa, heterônoma, que conforma um tipo de existência humana (elevada a modelo de racionalidade objetiva) a padrões de comportamento mecânico e normas de eficiência competitiva. Os seres humanos incorporam a coercitividade da repetição calculada como uma escolha livre e esquecem (ideologicamente) a miríade de possibilidades que compõem a ideia de emancipação. Esse processo de ‘dessublimação repressiva’ coletiva oferece, nas “mais altas eficácia, conveniência e eficiência”, satisfação aparentemente suficiente para que o protesto e a luta por libertação sejam descartados *a priori* como não apenas inócuos mas também irracionais. A submissão torna-se razoável e a ordem dominante, uma lei inabalável<sup>[v]</sup>. Cito Olgária, nos *Arcanos do inteiramente outro*: “A única realidade é a da dominação, porque a perversão da razão em todas as instituições sociais e a liquidação do indivíduo são contemporâneas.”<sup>[vi]</sup> A racionalidade tecnológica toma a forma de “gerenciamento científico” e *autocracia eficiente*. As leis da manutenção aprimorada do funcionamento reforçam-se no desenvolvimento de mecanismos difusos e ubíquos e justificam-se por cálculos de probabilidade vastíssimos e autorreferidos<sup>[vii]</sup>. Como escrevem Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento*: “O factual tem a última palavra, o conhecimento restringe-se à sua repetição, o pensamento transforma-se na mera tautologia. Quanto mais a maquinaria do pensamento subjuga o que existe, tanto mais cegamente ela se contenta com essa reprodução.” <sup>[viii]</sup>

No século XXI, apesar do neoliberalismo da individualidade padronizada e competitiva, no qual o bem-estar é medido em cifras bancárias à revelia da destruição total do equilíbrio e das condições físicas do planeta, da pulverização do tecido social, das injustiças e violências tratadas como manutenção da ordem estabelecida, da brutalidade contra as minorias e os divergentes, ou seja, quando a noção de “bem-estar” está absolutamente apartada daquela de vida *comum em comum*, de bem público, garantidor e protetor da vida, da saúde, da educação, da dignidade *de todos*, ainda assim a propaganda ideológica da indústria cultural está plenipotencializada. O *constructo* do mundo livre oferecedor de oportunidades para quem as “merecer”<sup>[ix]</sup>, apesar de ter perdido boa parte de seu alcance materialmente efetivo, parece inabalável.

Em “Ciência: da natureza desencantada ao reencantamento do mundo” (*in Discretas esperanças – Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo*, pp. 98-99.), Olgária anota:

“A crítica à razão das Luzes é o melhor serviço que a Razão pode prestar à razão que se alienou de toda significação espiritual em seus procedimentos e conquista da natureza. Adorno e Horkheimer, Marcuse e Benjamin consideram que só há progresso científico se a seus desenvolvimentos corresponder aperfeiçoamento humano, reconciliando epistemologia e ética, política e bem-viver, arte e vida, pois ciência e guerra, economia predatória da natureza e multidões consideradas supérfluas se instalaram no vazio dos valores ético-estéticos da modernidade – o que engendra a ‘frieza burguesa’ e o ressentimento dos que são ofendidos e humilhados. Já que existe um ‘estado de exceção em permanência’ na contemporaneidade – as guerras tecnológicas desrealizantes – é por haver um ‘estado de exceção no interior das almas’ – em estado de guerra com ‘inimigos’ a serem eliminados. O inimigo é sempre o Outro pejorativo, o não-idêntico, o dessemelhante, o bode-expiatório do mal-estar da civilização. A identidade una e sedentária é a impossibilidade de reconhecimento recíproco de identidades e diferenças.”

O próprio processo de intensificação e aprimoramento da racionalidade tecnológica e de seus respectivos meios e aparatos tem operado uma espécie de apagamento da dimensão subjetiva interior enquanto singular e produtora do “poder do pensamento negativo”, do “poder crítico da Razão”. Sob tal processo de gerenciamento científico e organização, a subjetividade identifica-se imediatamente e mimetiza a lógica do sistema, fundindo-se a este e perdendo seus limites próprios, expressando uma Razão submissa “aos fatos da vida e à capacidade dinâmica de produzir mais e maiores fatos do mesmo tipo de vida”.

Como escreve Marcuse no ensaio “O problema da mudança social na sociedade tecnológica”: “A racionalidade tecnológica torna a dimensão transcendente irreal ou irrealista, ou traduz seus conteúdos em um contexto operacional. São incorporados à racionalidade daquilo que é e pode ser dentro da realidade dada. A sociedade tecnológica é, nesse sentido,

um universo unidimensional, do qual é excluída a diferença qualitativa, a negação.”<sup>[x]</sup>

O problema de uma época de falência da crítica, exatamente por ser uma época de apagamento das definições, das diferenças, dos limites, é que as próprias noções de relevância, de prioridade, de *existência comum em comum enquanto diferentes*, desaparecem e são reconfiguradas em fórmulas estatísticas e projeções complexas, calculadas e verificadas por algoritmos modalizados e microafinados em um número vastíssimo de padrões simultânea e quantitativamente identificados, os quais *decidem racionalmente* o que pode e o que não pode ser feito, quem vive e quem morre. Quando aceitamos tais critérios frios e desencarnados como o ápice da realização da racionalidade, como a vitória final da razão humana sobre os imprevistos e infortúnios da existência, abrimos mão da humanidade, da liberdade, da vida realmente viva. É por isso que, à revelia da força acachapante da coordenação total, que todos os dias, em todos os instantes, mostramos que nada mais pode ser feito, que perdemos a medida e a chance de transformar o mundo em um lugar melhor, mais justo e amoroso *para todos*, não podemos desistir de tentar; mesmo que o próprio sentido da vida tenha se reduzido a essa tentativa de antemão prevista para o fracasso.

Finalizo com as palavras de Olgária no ensaio “Clastres: o mal radical e a terra sem mal” (*Palíndromos filosóficos*):

“Ao risco do mal, a sociedade democrática deve contrapor sempre uma afirmação, uma afirmação que é o ‘não’ àquilo que transforma a igualdade e a liberdade em servidão, a política em força e poder. E o discurso dos profetas, que diz a imanência do mal, por um paradoxo oferece “o profundo acordo entre os índios e os profetas que lhes diziam: é preciso mudar o mundo.”

**Renata Marinho** é pós-doutoranda no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo.

## Notas

<sup>[i]</sup> Segundo Bernard Stiegler (em *The Age of Disruption – Technology and Madness in Computational Capitalism*), as subjetividades digitalizadas, ou seja, sob a convergência das telecomunicações, são privadas tanto de *retenção* (memórias) quanto de *protenção* (desejos, expectativas).

<sup>[ii]</sup> A questão sobre se uma inteligência artificial poderá algum dia ser *ética*, foi discutida recentemente, na Universidade de Oxford, por humanos e por uma AI, chamada Megatron Transformer, “treinada” com um pacote de dados conhecido entre os desenvolvedores de *machine learning* como *the pile*, do qual faz parte toda a wikipedia, dezenas de gigabytes de texto do Reddit, e dezenas de milhões de artigos. Quando provocada a responder se uma AI poderia ser ética, Megatron respondeu: “AI nunca será ética. É uma ferramenta e, como tal, pode ser usada para o bem e para o mal”, de acordo com a concepção amplamente difundida, e reforçada ideologicamente, de que a tecnologia seria neutra e que bons e maus são os homens que a utilizam. A resposta continuou: “Por fim, acredito que o único modo de evitar uma corrida armamentista impulsionada por AIs é acabar com todas as AIs. Essa seria a melhor defesa contra as inteligências artificiais”. <  
<https://www.iflscience.com/technology/an-advanced-ai-gave-an-unsettling-answer-during-a-debate-with-humans-about-ethics/>> (2021)

<sup>[iii]</sup> Convergência, atualmente, em estágio de construção e difusão de um *metaverso* (termo retirado do romance *Nevasca*, de Neal Stephenson, relativo a um universo paralelo criado digitalmente por tecnologias convergentes). Cf.  
<https://www.nytimes.com/2021/10/28/technology/facebook-meta-name-change.html>

<sup>[iv]</sup> Olgária Matos, em conferência na SAF PUC-Rio, dia 20 de julho de 2020. Vídeo disponível em  
<https://youtu.be/FcpNiUvp0FY>

<sup>[v]</sup> “Marcuse mostra, também, como a administração e a mobilização metódica dos instintos humanos tornam socialmente

duráveis e utilizáveis elementos explosivos e antissociais do inconsciente: ‘Essa mobilização da libido pode ser a responsável por muito da submissão voluntária, da harmonia pré-estabelecida entre necessidade e desejos, propósitos e aspirações socialmente necessárias’.” MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*, p. 171.

[vi] MATOS, Olgária. *Os arcanos do inteiramente outro*, p. 171.

[vii] Essa ideia do “gerenciamento científico” já tem muita proximidade com a de *verwaltete Gesellschaft*, conceito que Marcuse retoma e incorpora em *One-Dimensional Man*.

[viii] (ADORNO & HORKHEIMER. “O conceito de Esclarecimento”, in *Dialética do Esclarecimento*, p. 34.

[ix] Conforme a lógica orwelliana hegemônica, mérito significa, em diferentes níveis, desigualdade, privilégio, favorecimento, adequação, adulação, mediocridade,... em suma, tudo aquilo contrário à própria ideia de mérito, a qual somente poderia ser uma realidade concreta em uma *sociedade livre e transformada*, onde e quando, provavelmente, tal ideia teria pouca relevância, já que não mais se basearia na competitividade (tornada obsoleta) e os *novos valores transformados* sustentariam uma coexistência amorosa *para todos*.

[x] MARCUSE. “The Problem of Social Change in the Technological Society”, p. 54.

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**